

J. R. Ward

NA SOMBRA DO SONHO

Um romance da Irmandade da Adaga Negra

Volume V

Tradução

Ana Lourenço

ISBN: 978-972-46-2041-1
(Edição original: ISBN 978-0-451-22235-0)

© Jessica Bird, 2007

Todos os direitos reservados, parciais ou totais.
Publicado com o acordo de NAL Signet,
membro de Penguin Group (EUA), Inc.

Direitos reservados para Portugal
CASA DAS LETRAS
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, 2
2610-038 Alfragide
Tel: 21 041 74 10, Fax: 21 471 77 37
E-mail: info@casadasletras.leya.com

Título original: Lover Unbound
Tradução: Ana Lourenço
Revisão: Rui Augusto
Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

1.ª edição: Setembro de 2011
Depósito legal n.º 331 202/11

Pré-impressão: JCT
Impressão e acabamento: Rolo & Filhos S.A.

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Dedicado a: Ti.
Percebi-te mal no início
e tens as minhas desculpas.
É mesmo teu teres aparecido de qualquer forma,
e salvado não só a ele
mas também a mim neste esforço.

Prólogo



Greenwich Country Day School
Greenwich, Connecticut
Vinte anos antes.

— **A**panha-a, Jane.
Jane Whitcomb pegou na mochila.

— Vens, não é verdade?

— *Disse-te esta manhã. Sim.*

— *Okay.* — Jane ficou a ver a amiga dirigir-se ao passeio, até que se ouviu uma buzina. Ajeitando o casaco, endireitou os ombros e virou-se para o *Mercedes-Benz*. A mãe olhava pela janela, franzindo a testa.

Jane atravessou a rua a correr, a mochila com o contrabando a fazer demasiado barulho, em sua opinião. Saltou para o banco de trás e escondeu-a debaixo dos pés. O carro começou a andar antes de ela ter fechado a porta.

— O teu pai vem para casa esta noite.

— O quê? — Jane subiu os óculos no nariz. — Quando?

— Esta noite. Portanto, receio que...

— Não! Tu prometeste!

A mãe olhou por cima do ombro.

– Desculpa, menina?

Os olhos de Jane encheram-se de lágrimas.

– Prometeste-mo para o meu décimo terceiro aniversário.

A Katie e a Lucy ficaram de...

– Já liguei para as mães delas.

Jane deixou-se cair para trás.

A mãe olhou para o espelho retrovisor.

– Tira essa expressão do teu rosto, se fazes favor. Achas que és mais importante do que o teu pai? Achas?

– Claro que não. Ele é *Deus*.

O *Mercedes* guinou para a berma e os travões chiaram. A mãe virou-se, levantou a mão e manteve-a naquela posição, o braço a tremer.

Jane encolheu-se, apavorada.

Após um momento de violência suspensa, a mãe virou-se, alisando o cabelo bem penteado com a palma da mão que parecia tão firme como água a ferver.

– Não... não nos farás companhia ao jantar. E vou-me livrar do teu bolo.

O carro começou a mover-se de novo.

Jane limpou as faces e baixou os olhos para a mochila. Nunca tivera amigas a dormir em sua casa antes. E tinha implorado durante meses.

Estragado. Agora estava tudo estragado.

Permaneceram em silêncio todo o caminho de volta a casa e, quando o *Mercedes* estava na garagem, a mãe de Jane saiu do carro e foi para casa sem olhar para trás.

– Já sabes onde ir – foi tudo o que lhe disse.

Jane ficou no carro, tentando recompor-se. Depois pegou na mochila e nos livros e arrastou-se através da cozinha. Richard,

o cozinheiro, estava inclinado sobre o caixote do lixo, a deitar fora um bolo decorado com um cobertura de açúcar e flores vermelhas e amarelas.

Não disse nada a Richard porque a sua garganta estava apertada como um punho. Richard não lhe disse nada porque não gostava dela. Não gostava de ninguém, exceto de Hannah.

Enquanto Jane passava pela porta de serviço a caminho da sala de jantar, não queria encontrar a sua irmã mais nova e rezou para que Hannah já estivesse na cama. Ela sentira-se doente nessa manhã. Provavelmente porque tivera de fazer o resumo de um livro.

A caminho das escadas, Jane viu a mãe na sala.

As almofadas do sofá. Outra vez.

A mãe ainda não despira o casaco azul-claro de lã e tinha o lenço de seda na mão; sem dúvida iria continuar assim vestida até estar satisfeita com o aspeto das almofadas. O que podia demorar um pouco. Tinham de estar completamente lisas.

Jane foi para o quarto. A única esperança naquela altura era que o pai chegasse depois do jantar. Dessa forma, embora ainda viesse a saber que ela estava de castigo, pelo menos não teria de olhar para o seu lugar vazio. Como a mãe, odiava qualquer coisa fora do lugar, e, se Jane não estava à mesa, estava fora do lugar.

Dessa forma, o sermão que ouviria dele seria maior, porque teria de incluir as duas coisas, tanto a desilusão que estava a causar à família com a sua ausência à refeição, bem como o facto de ter sido mal-educada para a mãe.

Subindo as escadas, o quarto amarelo de Jane era como o resto da casa: estéril e arrumado. Nada fora do lugar. Tudo numa espécie de perfeição congelada, igual à que se via nas revistas de decoração.

A única coisa que não encaixava era Hannah.

Meteu a mochila no armário, em cima dos sapatos; depois trocou o uniforme da escola por uma camisa de dormir de flanela. Não havia razão para se vestir. Não ia a lado algum.

Levou a pilha de livros até à secretária. Tinha trabalhos de casa de Inglês. Álgebra. Francês.

Olhou para a cama. *As Mil e Uma Noites* esperavam-na.

Não conseguia pensar numa maneira melhor de passar o castigo, mas os deveres vinham primeiro. Tinha de ser. Senão sentir-se-ia muito culpada.

Duas horas depois, estava na cama com *As Mil e Uma Noites* no colo, quando a porta se abriu e a cabeça de Hannah apareceu. O seu cabelo ruivo encaracolado era outra raridade. De resto, todos na família eram loiros.

– Trouxe-te comida.

Jane sentou-se, preocupada com a irmã mais nova.

– Vais arranjar problemas.

– Não, não vou. – Hannah entrou, trazendo uma pequena cesta na mão com um guardanapo de pano, uma sandes, uma maçã e uma bolacha. – O Richard deu-me isto para eu poder comer alguma coisa antes de me deitar.

– E tu?

– Não tenho fome. Aqui tens.

– Obrigada, Han.

Jane pegou na cesta enquanto Hannah se sentava aos pés da cama.

– Então, o que fizeste?

Jane abanou a cabeça e mordeu a sandes de rosbife.

– Zanguei-me com a mãe.

– Porque não podias ter a tua festa?

– Sim.

– Bem... Tenho uma coisa para te animar! – Hannah fez deslizar um pedaço de cartolina dobrada sobre o edredão.
– Parabéns!

Jane olhou para o postal e pestanejou rapidamente algumas vezes.

– Obrigada, Han...

– Não fiques triste, eu estou aqui. Lê o postal! Fi-lo para ti.

À frente, desenhadas pela mão desajeitada da irmã, havia duas figuras feitas com riscos. Uma tinha o cabelo louro liso e a palavra «Jane» escrita em baixo. A outra tinha cabelo ruivo crespo e o nome de Hannah aos pés. Estavam de mãos dadas e tinham grandes sorrisos nos rostos redondos.

Quando Jane ia abrir o postal, um par de faróis deslizou pela frente da casa e começou a subir pelo caminho de acesso.

– O pai está em casa – sussurrou Jane. – É melhor saíres daqui.

Hannah não parecia tão preocupada como de costume, provavelmente porque não se sentia bem. Ou talvez estivesse distraída com... bem, o que quer que fosse com que Hannah se distraía. Passava a maior parte do tempo a sonhar acordada, e era provavelmente por isso que estava feliz o tempo todo.

– Vai, Han, a sério.

– Está bem. Mas lamento que a tua festa tenha sido cancelada. – Hannah dirigiu-se para a porta.

– Ei, Han! Gosto do meu postal!

– Ainda não o abriste.

– Não é preciso. Gosto dele porque o fizeste para mim.

No rosto de Hannah surgiu um sorriso radioso, daqueles que recordavam a Jane dias soalheiros.

– É acerca de ti e de mim.

Enquanto a porta se fechava, Jane ouviu as vozes dos pais vindas do vestíbulo. Comeu rapidamente o lanche de Hannah,

guardou a cesta nas dobras das cortinas perto da cama e foi até à pilha de livros da escola. Pegou no livro *Os Cadernos de Pickwick*, de Charles Dickens, e levou-o para a cama. Supôs que, se estivesse a fazer os trabalhos da escola quando o pai entrasse, ganharia alguns pontos a seu favor.

Os pais subiram uma hora depois, e ela ficou tensa, à espera que o pai batesse à porta. Não o fez.

O que era estranho. Ele era, no seu carácter dominante, tão fiável como um relógio, e havia um estranho conforto na sua previsibilidade, embora ela não gostasse de lidar com ele.

Abandonou o *Pickwick*, apagou a luz e enfiou as pernas sob o edredão com folhos. Deitada sob o dossel da cama, não conseguia dormir, e ouviu o relógio de pêndulo ao cimo das escadas dar as doze badaladas.

Meia-noite.

Saindo da cama, foi até ao armário, pegou na mochila e abriu-a. O tabuleiro Ouija caiu, aterrando aberto no chão. Agarrou-o com uma careta, como se se pudesse ter partido ou qualquer coisa do género, e, em seguida, agarrou no ponteiro.

Ela e as amigas tinham estado à espera de jogar aquele jogo porque todas queriam saber com quem iriam casar. Jane gostava de um rapaz chamado Victor Browne, que estava na sua turma de Matemática. Tinham começado a falar um pouco nos últimos tempos, e ela achava que realmente podiam formar um par. O problema era que não tinha a certeza do que ele sentia por ela. Talvez apenas gostasse de si porque ela lhe dava todas as respostas.

Jane deixou o tabuleiro em cima da cama, pousou as mãos sobre o ponteiro e respirou fundo.

– Qual é o nome do rapaz com quem me vou casar?

Não esperava que a coisa se movesse. E não se moveu.

Depois de tentar algumas vezes, sentou-se, frustrada. Ao fim de um minuto, bateu na parede atrás da cabeceira da cama. A irmã bateu de volta; pouco depois, Hannah entrou sorrateira pela porta. Quando viu o jogo, ficou muito excitada e saltou para cima da cama, fazendo o ponteiro saltar no ar.

– Como se joga?

– Chiu!

Meu Deus, se as apanhassem assim, iriam ficar de castigo. A vida toda.

– Desculpa. – Hannah levantou as pernas e abraçou-as para evitar meter mais argoladas. – Como...?

– Fazes-lhe perguntas e ele diz-te as respostas.

– O que podemos perguntar?

– Com quem nos vamos casar. – Muito bem, agora Jane estava nervosa. O que aconteceria se a resposta não fosse Victor? – Vamos começar por ti. Põe os dedos sobre o ponteiro, mas não empurres nem nada. Só... assim, isso. Bem... Com quem se vai casar a Hannah?

O ponteiro não se moveu. Mesmo depois de Jane repetir a pergunta.

– Está avariado – disse Hannah, retirando as mãos.

– Deixa-me experimentar com outra pergunta. Põe as mãos outra vez. – Jane respirou fundo. – Com quem vou eu casar?

Um leve rangido elevou-se do tabuleiro quando o ponteiro começou a mover-se. Quando parou sobre a letra V, Jane tremeu. Com o coração na garganta, viu-o passar para a letra I.

– É o Victor! – exclamou Hannah. – É o Victor! Vais casar com o Victor!

Jane não se deu ao trabalho de mandar calar a irmã. Aquilo era bom de mais para ser...

O ponteiro aterrou sobre a letra S. S?

– Isto está mal – disse Jane. – Isto tem de estar errado...

– Não pares. Vamos ver quem é.

Mas, se não era Victor, não sabia quem poderia ser. E que tipo de rapaz tinha um nome como Vis... Jane esforçou-se por redirecionar o ponteiro, mas ele insistia em ir para a letra H. Depois, O, U e outra vez o S.

VISHOUS.

O temor revestiu o interior das costelas de Jane.

– Eu disse-te que estava avariado – murmurou Hannah.

– Quem é que se chama Vishous?

Jane afastou os olhos do tabuleiro, depois deixou-se cair sobre as almofadas. Aquele era o pior aniversário que já tivera.

– Talvez devêssemos tentar outra vez – disse Hannah.

Quando Jane hesitou, franziu o cenho. – Vamos lá, eu também quero uma resposta. É justo.

Voltaram a colocar os dedos no ponteiro.

– O que me vão oferecer no Natal? – perguntou Hannah.

O ponteiro não se moveu.

– Experimenta com uma pergunta que implique «sim» ou «não», para começar – sugeriu Jane, ainda assustada com a palavra que lhe calhara. Talvez o tabuleiro não soubesse soletrar.

– Vou receber alguma coisa pelo Natal? – perguntou Hannah.

O ponteiro começou a ranger.

– Espero que seja um cavalo – sussurrou Hannah, enquanto o ponteiro fazia um círculo. – Devia ter perguntado isso.

O ponteiro parou no «não».

Olharam ambas para ele. Hannah abraçou-se.

– Eu quero algumas prendas.

– É apenas um jogo – disse Jane, fechando o tabuleiro.

– Além disso, isto está mesmo avariado. Deixei-o cair.

– Eu quero prendas.

Jane estendeu os braços e abraçou a irmã.

– Não te preocupes com o estúpido do tabuleiro, Han. Eu compro-te sempre qualquer coisa no Natal.

Quando Hannah se foi embora, algum tempo depois, Jane voltou a meter-se dentro dos lençóis.

Estúpido tabuleiro. Estúpido aniversário. Estúpido tudo.

Enquanto fechava os olhos, percebeu que nunca tinha olhado para o postal da irmã. Voltou a acender a luz e tirou-o da mesa-de-cabeceira. Lá dentro dizia: «Estaremos sempre de mãos dadas! Adoro-te! Hannah!»

Aquela resposta sobre as prendas de Natal estava completamente errada. Toda a gente adorava Hannah e compravam-lhe sempre prendas. Bolas, nalgumas ocasiões, conseguia até influenciar o pai, e mais ninguém podia fazer isso. Portanto, com certeza que ia receber coisas.

Estúpido tabuleiro...

Pouco depois, Jane adormeceu. Devia ter adormecido, porque Hannah a acordou.

– Estás bem? – perguntou Jane, sentando-se. A irmã estava de pé, ao lado da cama, na sua camisa de dormir de flanela, e tinha uma expressão estranha.

– Tenho de ir. – A voz de Hannah estava triste.

– À casa de banho? Vais vomitar? – Jane afastou os cobertores. – Vou conti...

– Não podes – suspirou Hannah. – Tenho de ir.

– Bem, se quiseres, depois de acabares o que tiveres de fazer, podes voltar para aqui e dormir.

Hannah olhou para a porta.

– Estou com medo.

– Estar doente mete medo. Mas podes sempre contar comigo.

– Tenho de ir. – Quando Hannah olhou para trás, pareceu... mais velha, de alguma forma. Não com os dez anos que tinha. – Tentarei voltar. Vou fazer os possíveis.

– Hum... está bem. – Talvez a irmã tivesse febre, ou outra coisa... – Queres que vá acordar a mãe?

Hannah abanou a cabeça.

– Só queria ver-te. Agora, dorme.

Quando Hannah saiu, Jane deixou-se cair nas almofadas. Pensou em ir ver como estava a irmã na casa de banho, mas o sono reclamou-a antes de poder seguir esse impulso.

Na manhã seguinte, Jane acordou com o som de passos pesados no corredor. De início, pensou que alguém tinha deixado cair algo que estava a deixar uma mancha no tapete ou numa cadeira ou numa colcha. Mas depois ouviu as sirenes da ambulância aproximarem-se.

Jane saiu da cama, espreitou pelas janelas, depois espreitou para o corredor. O pai estava a falar com alguém no andar de baixo e a porta do quarto de Hannah estava aberta.

Em bicos de pés, Jane avançou pelo tapete oriental, achando que a irmã nunca se levantava tão cedo aos sábados. Devia sentir-se mesmo doente.

Parou junto à porta. Hannah estava deitada, imóvel, na cama, os olhos abertos fixos no teto, a pele tão branca como os lençóis em que estava deitada.

Não pestanejava.

No canto oposto do quarto, o mais longe possível de Hannah, a mãe estava sentada no banco da janela, com o roupão de seda cor de marfim a envolvê-la.

– Volta para a cama. *Já.*

Jane correu para o quarto. Quando fechava a porta, viu o pai subir as escadas com dois homens de farda azul-escura. Estava a falar com autoridade e ela ouviu as palavras *cardiopatía congénita* qualquer coisa.

Jane saltou para a cama e tapou a cabeça com os lençóis. Enquanto tremia no escuro, sentiu-se muito pequena e muito assustada.

O tabuleiro tivera razão. Hannah não teria prendas de Natal e não se casaria com ninguém.

Mas a irmã mais nova de Jane cumpriu a promessa. Voltou mesmo.

Capítulo 1



— Não me identifico *nada* com estas calças de couro. Vishous levantou os olhos por cima dos computadores. Butch O’Neal estava na sala do Fosso com umas calças de couro vestidas e uma expressão no rosto que dizia «deves estar a brincar».

— Não te assentam bem? — perguntou V ao seu companheiro de quarto.

— A questão não é essa. Não leves a mal, mas isto é para os Village People. — Butch levantou os braços fortes e andou em círculo, a luz refletindo-se no seu peito nu. — Quero dizer, vamos lá!

— São para lutar, não para estar na moda.

— Também os *kilts*, mas não me vêes num.

— E agradeço a Deus por isso. As tuas pernas são demasiado arqueadas para usares essa merda.

Butch arvorou uma expressão aborrecida.

— Morde-me.

Gostaria disso, pensou V.

Encolhendo os ombros, foi à procura do seu pacote de tabaco turco. Enquanto pegava na mortalha, depositava o tabaco e enrolava tudo até ter um cigarro, fez o que passava muito

tempo a fazer: recordou-se que Butch estava acasalado com o amor da sua vida, e que, mesmo que não estivesse, o tipo não jogava para aquele lado. Enquanto o acendia e inalava, tentou não olhar para o chui e falhou. Maldita visão periférica. Acontecia sempre a mesma coisa.

Bolas, era um pervertido. Especialmente tendo em conta o quanto eram unidos.

Nos últimos nove meses, V tinha-se aproximado de Butch mais do que de qualquer pessoa que conhecera nos seus trezentos anos de vida. Partilhava os aposentos com o macho, embriagava-se com ele, exercitava-se com ele. Tinha atravessado morte, vida, profecias e destino com ele. Tinha-o ajudado a quebrar as leis da natureza para o transformar de ser humano em vampiro, além de o curar quando ele fazia a sua cena com os inimigos da raça. Também o tinha proposto para membro da Irmandade... e estivera ao seu lado quando acasalara com a sua *shellan*.

Enquanto Butch passeava como se estivesse a tentar habituar-se às calças de couro, V olhou para as sete letras que tinham sido gravadas nas suas costas na Língua Antiga: Marissa. V fizera os dois «A», e tinham-lhe saído bem, apesar de a sua mão ter tremido o tempo todo.

– Sim – disse Butch. – Não sei se gosto disto.

Após a cerimónia de acasalamento, V desocupara o Fosso nesse dia, para o feliz casal ter privacidade. Atravessara o pátio do complexo e trancara-se no quarto de hóspedes da casa com três garrafas de *Grey Goose*. Tinha bebido até à saturação, inundando-se realmente, mas não conseguira atingir o objetivo de desmaiar. A verdade mantivera-o implacavelmente acordado: V estava ligado ao seu companheiro de uma forma que complicava as coisas, mas que, ainda assim, não mudava nada.